

Exmo. Sr. Presidente da Academia de Medicina do Rio de Janeiro

Autoridades presentes

Sras. e Srs. Convidados

Dirijo especiais saudações aos queridos clientes e amigos que aqui vieram prestigiar esta posse, com tantas demonstrações de carinho! Agradeço também aos que, por razões diversas, não puderam comparecer, mas que se manifestaram com calorosas demonstrações quanto à justiça e merecimento desta homenagem.

Vim a esta comemoração refletindo sobre o significado do título que a Academia acaba de me outorgar: fui eleito, por aclamação, como Membro Honorário deste sodalício. Estou muito feliz e também muito grato à Academia, porque este título é o reconhecimento que esta Casa confere à minha passagem pela Medicina do Rio de Janeiro. Para usar uma expressão em voga, é um título conferido “ao conjunto da obra”.

E qual foi o percurso desta obra?

Como Honorário, cabe-me relatar um sumário desta obra: a biografia de um homem que se realizou como médico. Devo tecer em rápidas pinceladas, a trajetória de 60 anos de prática da medicina. Como característica mais importante, destaco o aprendizado auferido, considerando que minha vida médica foi integralmente vinculada aos meus clientes e às atividades clínicas e acadêmicas.

Tive a oportunidade de ter uma excelente formação em colégio de primeira linha – Colégio Aldridge, de formação inglesa e lá obtive sólida base. Muito jovem, fui aprovado em vestibular para a Universidade do Brasil, atual UFRJ. Sempre fui um dos primeiros de turma e meu interesse pelos estudos formais, o gosto pela música, o aprendizado do piano, o interesse pela leitura e pelos esportes, foram muito estimulados pelos meus pais. O fato

de ser filho de um médico estudioso, certamente deve ter influenciado na opção pela medicina.

Iniciei na prática médica, como interno no Serviço de Luiz Capriglione e seu Chefe de Clínica, José Schermann. Sempre utilizando a ordem alfabética, cito que lá tive como superiores hierárquicos, Aarão Benchimol, Emílio Amorim, Fernando Duque, Jacques Houli, Júlio de Moraes, Manoel Barreto Neto, Nelson Botelho Reis, Olavo Fontes, Paulo Schlesinger, entre outros extraordinários mestres. No último ano da graduação, trabalhei como acadêmico na equipe Daniel de Almeida, aprovado com distinção na concorrida seleção para o Pronto Socorro Municipal.

Com esta bagagem parti para os Estados Unidos em 1952, para um treinamento de cinco anos nas seguintes instituições: Atlantic City Hospital, Georgetown University e National Institute of Health. Lá convivi com grandes nomes e cito apenas Edward Freis, meu orientador no mestrado, Harold Jeggers, Chefe da Medicina Interna, George Schreiner, Chefe da Nefrologia, um misto extraordinário de pesquisador, filósofo e teólogo, em perfeita consonância com o espírito da Georgetown, instituição jesuítica. Afinal, foi lá que entrei em contacto com a Ética Médica, o valor do "outro" no sentido holístico. Trabalhei no Laboratório de Rim do NIH, sob a Chefia de Robert Berliner, convivendo na instituição com nomes como Eugene Braunwald, que se tornou um dos maiores nomes da cardiologia, Donald Fredrickson que estabeleceu a classificação das dislipidemias. Lá estavam Aristides Pacheco Leão expondo sua "spreading depression" e Radi Macruz de São Paulo.

Ao voltar para o Brasil, em janeiro de 1957, reiniciei a vida universitária, agora no Serviço de Clementino Fraga Filho, na Santa Casa, por falecimento de Luiz Capriglione. Fui premiado com a presença de colegas de alto nível, tais como Boavista Nery, Faustino

Porto, Isaac Vaisman, Jorge Toledo, Pedro Sampaio, Mario Marrano, e outros. No mesmo período, também me tornei o clínico do grupo de Urologia de Paulo de Albuquerque.

Atualizado em equilíbrio hidro-eletrolítico e pós-operatório, fiz inúmeras conferências. O resultado é que fui contratado pelo Instituto dos Bancários, onde realizei a primeira diálise peritoneal em serviço público no Rio de Janeiro. Instalado no atual Hospital da Lagoa, preparei os formulários e fichas de balanço e pós-operatório com a Irmã Matilde Salomão. Com Nélio Amorim e Sérgio Moncorvo, organizamos o Setor de Nefrologia, sob a chefia de Nilo Timóteo da Costa. Tinha então como companheiros de Hospital: Carlos José de Brito, Edgar Falci, Eudoro Mattoso Berlinck, Felício Falci, Jacques Bulcão, Lauro Gonzaga, Pierre Labrunie, entre outros tantos...

Em janeiro de 1957, também fui convidado pelo diretor do Hospital Adventista Silvestre, Edgard Mario Berger, para trabalhar como clínico e organizar o Serviço de Clínica Médica. Gradativamente, até 1962, se constituiu um staff fechado que possibilitou ao Diretor idealizar o primeiro Seguro de Saúde no Brasil, juntamente com Sylvio Behring e Walter Poyares, diretores de “O Globo” e o apoio da Caixa Econômica, via SASSE. A divulgação deste seguro continha a lista do Staff pioneiro: o meu nome e (por ordem alfabética) de Amado Caminha, Aloysio Carvalho, Célio Coelho, Cláudio Lemos, Diney Ether, Donatello Sparvoli, Eudoro Mattoso, Feliciano Pinto, Fernando Pedrosa, Fernando Pompeu, Gunther Ehlers, Ivan Serpa Pinto, Jorge de Souza Santos, Jorge Edison Mendes, Jorimar de Albuquerque, José Carlos Cabral de Almeida, José Hilário, José Maria Maduro Paes Leme, Luiz Carlos Brito Lyra, Luiz Eurico Ferreira, Mario De Cenzo, Milton Ari Meier, Nahaliel Rodrigues, Oswaldo Nazareth, Pedro Paes Leme, Pedro Tibau, Renato Bandeira, Sérgio Paes Leme, Sérgio Teixeira, Sylvio Fraga e Sylvio Esberard Leite.

Seguiu-se a criação do Centro de Estudos e Residência Médica. As atividades científicas, com convidados do país e do exterior tornaram-se rotina; estava estabelecida uma pós-graduação de excelência. De lá saíram profissionais competentes e citarei apenas alguns: Amanda Carolina Pinto, Ana Paula Safadi, Gerson Ferreira, Gilvan Dourado, João Luiz Hauer, Jorge Serpa, José Carlos do Valle, Luiz Francisco Brandi, Marcos de Moraes, Vicente Pires. Pouco depois, ainda na década de 60, outros nomes se agregaram ao Staff: Domingos Junqueira de Moraes, José Feldman, Paulo Pernambuco e Waldyr Jazbik, oriundos da Casa de Saúde São Miguel, que encerrara suas atividades com a saída de Fernando Paulino, como também Ari Frauzino, Hamilton Fontoura, Nelson Vidal, Pedro Albuquerque, Pedro Chaves, entre outros. A coordenação do ensino da Residência em Clínica Médica esteve sob minha supervisão por 30 anos. Foi nessa época que o Silvestre ganhou grande destaque, com cirurgias cardiológicas de alta complexidade, transplantes renais e de pâncreas, etc..

Durante todo o período de permanência no Silvestre, sempre mantive pacientes internados em outros hospitais, como na São Miguel, onde fui clínico de Fernando e Augusto Paulino, pai; no Hospital dos Estrangeiros, atuando como clínico de Geraldo Terreri, Oswaldo Pinheiro Campos, Paulo Albuquerque e Ruy Goyanna; na São José, com Leônidas Cortes; na São Vicente, com Genival e Luiz Roberto Londres; na São Vicente de Paulo com Alemar Salomão, Álvaro Saraiva; na Clínica São Bento com Henrique Rupp e Volta Baptista Franco; Mario Pinto de Miranda na Clínica São Camilo, e muitos outros! Fiz várias diálises peritoneais, quando solicitado.

Nesta época, frequentei reuniões com o incipiente grupo de nefrologistas do Rio, cada qual no seu serviço, e tivemos a idéia de fazer o 1º Congresso Brasileiro de Nefrologia em 1962, no RJ. Foi constituída a Comissão Organizadora, composta por

Angelo Faillace de Oliveira, Edson Martins Garcia, Jayme Landmann, José Augusto de Aguiar, René Laclette e eu, o sobrevivente do grupo. Destarte, foi criada a Sociedade Brasileira de Nefrologia em São Paulo e no Rio, e dada a partida para uma profícua jornada. Os transplantes de rim tiveram aqui grande vulto com Sérgio Aguinaga, após estágio em Londres.

Mas a ligação com o Pró-Cardíaco merece menção especial, pois desde seus primórdios admirava aquele grupo pioneiro que fundou a primeira casa na Rua Dona Mariana. Destacava-se pelo extremo cuidado técnico, pela valorização do aspecto humano e ético de suas práticas médicas. No decorrer das décadas, criaram-se laços de amizade, fruto de admiração pelas qualidades que lá encontrei em Onaldo Pereira, o grande mentor da obra, agora com 98 anos, e nos demais pioneiros desta primeira fase, como Carlos Alberto Mendonça, Carvalho de Azevedo, Hans Jurgen Dohmann, Leonardo Rezende, Marcelo Miranda, Moisés Gamarski, Otávio Guarçoni e depois Francisco Eduardo Ferreira.

Tendo completado 50 anos de Silvestre, escolhi frequentar o Pró-Cardíaco quase diariamente; para lá direciono meus clientes que necessitam de internação ou exames complementares de emergência. Também participo das atividades acadêmicas, suas sessões clínicas e simpósios, para continuar o que considero a minha "pós-pós-graduação".

A importância que a direção do Pró-Cardíaco sempre deu à formação de gerações de jovens médicos vem desde o seu berço, e calculo já esteja na 4ª. ou 5ª. geração de formandos. É um trabalho feito sob a competente batuta do seu diretor clínico, Evandro Tinoco Mesquita, e uma plêiade de médicos da 2ª. e 3ª. geração, que administram os diversos setores com grande maestria. Recentemente adquirido pela AMIL, seu novo

diretor geral, Marcos Vinicius Santos, apostou no trabalho em curso, e no seu próprio dizer, "vestiu a camisa do Pró". Sua administração deu continuidade à obra existente e agora amplia as instalações para atender à crescente demanda, decorrência do renome alcançado. Minha associação com o Hospital chegou a tal sintonia que, para minha surpresa, no último Dia do Médico, fui eleito e homenageado pelo Staff como o "Médico do Ano de 2011", razão de grande alegria.

Outra instituição com a qual colaboro é a ABBR, participando do seu Conselho Deliberativo desde 1999. Sob a regência de Deusdeth Nascimento e Aquiles Ferraz, foi desencadeado um esforço de recuperação de sua obra beneficente, através de uma profícua parceria com a AMIL. No início de 2011, fui designado Vice-Presidente da instituição, o que muito me honra.

Fora da área médica, tenho mantido contacto permanente com a Associação Cristã de Moços, a Academia Brasileira de Letras e a Fundação Getúlio Vargas. Na ACM, fiz parte de sua diretoria por 10 anos, chegando à Vice-Presidência. Atualmente frequento-a para atividades físicas.

Na Academia Brasileira de Letras, tudo começou há quase 40 anos, através da ligação com Antonio Houaiss. Foi inicialmente uma relação médico-paciente, que gradualmente se tornou uma amizade fraternal. Coisa semelhante ocorreu em relação a Tarcísio Padilha e sua família, pelos quais dedico grande afeto. Estabeleci também fortes laços de amizade, além de orientação profissional, com Marcos Vinícios Vilaça (Presidente da ABL, que hoje passou o bastão para Ana Maria Machado). Além deles, vários acadêmicos me honram com estima, apreço e confiança profissional, como Alberto da Costa e Silva, Arnaldo Niskier, Cícero Sandroni, Domício Proença, Eduardo Portella,

Evanildo Bechara, Evaristo de Moraes, Ivan Junqueira, Lêdo Ivo, Luiz Paulo Horta, Murilo Melo Filho, o saudoso Antonio Olinto, entre outros.

Às terças-feiras assisto às palestras e aos seminários, quando me aprimoro em matéria não médica. Coordenada por Ivo Pitanguy, participei como conferencista de uma destas mesas redondas, em que o tema era ligado à medicina. Os outros debatedores foram Cândido Mendes, Dráuzio Varela, Paulo Niemeyer, Raul Cutait. Demonstrando interesse pelo tema, “A vida com hora marcada – A natureza desafiada”, o Ministro Temporão também resolveu participar com o seu pensamento.

Na Fundação Getúlio Vargas, participo do planejamento dos seminários sobre Saúde e Previdência, desde 1999. O êxito destes eventos pode ser medido pelas publicações sob forma de livros, cinco publicados. Os membros participantes são representantes de importantes instituições nacionais. O Presidente, Carlos Ivan Simonsen Leal e os professores Istvan Kasznar e Fátima Bayma de Oliveira foram os artífices deste projeto, que estabelece vinculação entre Economia e Administração, matérias primas daquela Casa, e assuntos relevantes da Saúde e da Previdência. Minha contribuição é no planejamento, na elaboração desta simbiose e nas publicações.

Chego próximo do fim desta exposição, mas devo também agradecer à minha família, pelo estímulo e compreensão com os sacrifícios impostos pela minha carreira. Marília Hespanha, primeira esposa, talentosa violinista, nos deu três filhos. Hoje tenho cinco netos e um primeiro bisneto, Joaquim, com 18 dias. Meu segundo casamento é com Francisca de Carvalho, médica e historiadora, de grande estímulo ao meu trabalho.

Qual o aprendizado nestes 60 anos de prática médica?

Na minha dedicação à Bioética, interessei-me pela natureza da terminalidade e pela medicina paliativa. Apreciei os ensinamentos de William Osler, um dos pensadores da

Clínica e que escreveu "Aequanimitas", um prolegômeno da ética médica. Depois fui marcado por (Van Rensaele) Potter, criador do termo "Bioética" quando publicou "Bioethics, a bridge to the future" em 1971.

Por que esse interesse por tal matéria?

Bem, a vida merece cuidados e uma parcela preponderante é dispensada pelo médico. Cabe-lhe por missão, além da busca da cura, o alívio da dor e do sofrimento. Exerce igualmente a sua função técnica na avaliação dos quadros patológicos, através da análise minuciosa das funções orgânicas, do psiquismo, do tipo e qualidade do viver, dos tratamentos e resultados. Dai a noção imperiosa de que o médico deve saber ouvir! Em seguida, um cuidadoso exame clínico, para orientar a solicitação de exames complementares e o levantamento das hipóteses diagnósticas.

Há necessidade de que haja uma interação entre dois seres humanos: de um lado o paciente, fragilizado, aguardando soluções para as suas queixas, e de outro, um ser humano, médico, com suas facetas de personalidade que modulam suas atitudes. E é por tais atitudes que cada médico e cada ser humano será julgado na vida! Há os cuidadosos, os delicados, os prudentes, os calmos, os academicistas, mas também existem os apressados, os superficiais e até os terroristas. Tais atributos atuam decisivamente nas decisões e resultados terapêuticos. Por isso, é fundamental que se estabeleça um elevado nível de empatia nessa interação médico-paciente.

Fatores extrínsecos muito influenciam, como a interferência de Planos de Saúde, a atuação das auditorias prepotentes, etc., sendo muito fácil, em ambiente de tanta tensão, que surja a incompreensão e o conflito. Ao médico de boa formação humanitária cabe suplantar este percalço, desarmar os espíritos, utilizar o bom senso e as palavras adequadas. É preciso aprender a respeitar o outro!

Volto a ressaltar que ao paciente e à família importa a presença do médico, e se não for possível a presença física, que o faça respondendo aos recados. Isto permite estabelecer a confiança mútua. Por isso, repito sempre uma frase: "Muitas vezes é mais fácil tratar a doença do paciente do que a angústia do parente".

Como médico idoso, sei que é fundamental a permanente atualização técnica. Embora estando no ciclo de vida em que há uma grande experiência acumulada, todos os médicos devem ter sua capacidade decisória embasada na evidência científica. Sejam idosos-jovens! A longevidade conquistada pelo progresso tecnológico tem que ser bem trabalhada para não transformar o idoso em um peso para a família e a sociedade.

Meus profundos agradecimentos à Academia de Medicina do RJ e a todos os presentes!

Renato Diniz Kovach

Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 2011.

Discurso de posse na AMRJ